

FOLKSONOMIA: A TAGZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL

FOLKSONOMY: THE TAGS OF INFORMATION IN THE DIGITAL ERA

Luana Barbosa Moraes¹
Paulo Mauricio Santos Lobo²

RESUMO

Discute a perspectiva da folksonomia como uma nova forma de representação da informação nos ambientes digitais. Busca esclarecer como essa prática surgiu e como se incorporou no cotidiano dos usuários da informação. A problemática se define a partir do seguinte questionamento: de que forma a folksonomia foi incorporada como uma prática de representação da informação no ambiente virtual. Sendo assim, o estudo propõe relacionar a folksonomia e o seu papel como indexação virtual, para a representação da informação por meio de recursos disponíveis na Web 2.0, as *tags* e analisar a relação do usuário como produtor e consumidor das folksonomia em espaços colaborativos como a rede social “Flickr”. A metodologia da pesquisa é conduzida pela abordagem qualitativa para a observação de um fenômeno contido em bibliografias e em documentos presentes em bases de dados como Brapci e Peri, que auxiliou a estruturação e formulação de ideias sobre os tópicos e assuntos abordados ao revelar a produção científica na área, tal qual os posicionamentos dos principais autores, como: Wal (2007), que contribuiu para o entendimento sobre o que é a folksonomia; Guedes e Dias (2010) para compreender a folksonomia como uma indexação virtual; Santos (2013) autor que analisa a relação usuário-folksonomia. A abordagem confirma que a folksonomia está e continuará presente nos ambientes de compartilhamento e sociabilização da informação em virtude da crescente necessidade do usuário para com o uso da mesma.

Palavras-chave: Folksonomia. Indexação Virtual. Representação da informação. Redes sociais.

ABSTRACT

It discusses the perspective of folksonomy as a new way of representing information in digital environments. It seeks to clarify how this practice came about and how it was incorporated into the daily lives of information users. The problem is defined based on the following question: how folksonomy was incorporated as a practice of representing information in the virtual environment. Therefore, the study proposes to relate folksonomy and its role as virtual indexing, for the representation of information through resources available on Web 2.0, the tags; seeking to analyze the user's relationship as a producer and consumer of folksonomies in collaborative spaces such as the social network “Flickr”. The research methodology is driven by the qualitative approach to the observation of a phenomenon contained in bibliographies and in documents present in databases such as Brapci and Peri, which helped to structure and formulate ideas on the topics and subjects covered when revealing scientific production in the area, as well as the positions of the main authors, such as: Wal (2007), who contributed to the understanding of what folksonomy means;

¹ Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará.

² Graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará.

Guedes and Dias (2010) to understand folksonomy as a virtual indexing; Santos (2013) author who analyzes the user-folksonomy relationship. The approach confirms that folksonomy is and will always continue to be present in the environments of sharing and socializing information due to the growing need of the user who use it.

Keywords: Folksonomy. Virtual Indexing. Information Representation. Social Networks.

Submetido: 01 jun. 2020.

Aceito: 12 jun. 2020.

1 INTRODUÇÃO

A ascensão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) possibilitou o desenvolvimento de um espaço dinâmico, a Web 2.0, que abriga uma cadeia de serviços e produtos e tem como principal motivação a participação de usuários na produção e no consumo de dados. Este novo espaço possibilitou a criação de uma nova forma para representar e recuperar a informação no meio virtual, as folksonomias, “[...] uma taxonomia gerada pelo usuário para caracterizar e recuperar o conteúdo publicado na web por meio da criação de rótulos.” (CAMPOS, 2007, p. 3).

Observou-se que essa nova forma de recuperação da informação começou a ganhar cada vez mais espaço no meio virtual e principalmente em estudos da ciência da informação. Entretanto, revelou-se que por ser uma nova forma de representação da informação, ainda não está sendo tão discutido entre os profissionais da área. E por isso, visando colaborar para que novos estudos e olhares diversos possam ser realizados sobre as folksonomias, esta pesquisa tem como objetivo geral conceituar e discutir a folksonomia e o seu papel como indexação virtual, para a representação da informação por meio de recursos disponíveis na Web 2.0, as *tags* e analisar a relação do usuário como produtor e consumidor das folksonomias em espaços colaborativos como a rede social “*Flickr*”. Por conseguinte, buscou-se examinar e debater os prós e contras da utilização de folksonomias nos ambientes digitais.

Para a produção do artigo foram realizadas análises bibliográficas e pesquisas documentárias em repositórios digitais e bases de dados, a fim de conceituar termos, utilizando citações atribuídas por diversos autores na área da ciência da informação, como: Wal (2007), Guedes e Dias (2010) e Santos (2013) entre outros. Foi realizada uma análise por meio da verificação dos recursos

disponíveis pelo *Flickr* do início da busca por um termo até o resultado da pesquisa, e como esses recursos interagem como usuário e como eles permitem a participação da folksonomia no emprego da prática demarcação e indexação online. Para exemplificar as observações foi registrado por meio de imagens feitas pelos próprios autores, na rede social *Flickr*, do passo a passo do processo da busca a recuperação de uma informação na rede social.

2 FOLKSONOMIA

Criado em 23 de julho de 2004 por Thomas Vander Wal, o termo folksonomia é a tradução do termo *folksonomy*, que de acordo com o autor se originou etimologicamente de *folk* (povo, pessoas) e *taxonomy* (taxonomia). Juntamente com sua origem etimológica, também idealizou em que o conceito se aplicaria ao realçar:

A folksonomia é o resultado da marcação livre pessoal de informações e objetos (qualquer coisa com uma URL) para a própria recuperação. A marcação é feita em um ambiente social (geralmente compartilhado e aberto a outras pessoas). A folksonomia é criada a partir do ato de marcação feito pela pessoa consumindo as informações. (WAL, 2007, não paginado, tradução nossa).

Por meio do conceito de Wal (2007) é possível entender que a folksonomia é o ato voluntário do usuário virtual indexar, catalogar, adicionar uma *tag* a uma determinada informação do seu interesse a fim de tornar acessível a sua recuperação e ao meio que circunda essa informação, podendo utilizar-se da mesma. Esse ponto fica bem evidente quando o autor menciona que “[...] é o ato de marcar pela pessoa consumindo a informação.” (WAL, 2007, não paginado), ou seja, a folksonomia só é caracterizada quando de fato o usuário ou o leitor em questão atribui um significado a essa informação.

Esse processo de “indexação virtual” tem uma forte característica, que é a particularidade do indexador em questão e do seu conhecimento e interesse para com a indexação referida. Wal (2007, não paginado, tradução nossa) ressalta esse ponto ao inferir que:

O valor dessa marcação externa é derivado de pessoas que usam seu próprio vocabulário e adicionam significado explícito, que pode vir da compreensão inferida da informação / objeto. As pessoas não são muito categorizadoras, pois fornecem um meio de conectar itens (colocando ganchos) para fornecer seu significado em seu próprio entendimento.

Ao analisar essa afirmativa é importante salientar que o indexador não tem obrigação de garantir que a indexação seja entendida e recuperada por qualquer um, muito pelo contrário, o indexador tem como objetivo garantir que essa indexação

possibilite a si próprio essa recuperação, uma vez que a escolha de palavras e termos utilizados não se configuram como um vocabulário controlado ou qualquer normalização da língua. Em contrapartida, o que se verifica é a utilização da linguagem mais natural e presente no cotidiano do indexador.

Wal (2007) vai mais além a respeito de como o termo folksonomia se relaciona como o ambiente virtual e com marcação e indexação como um todo ao afirmar:

Em algumas conversas sobre folksonomy e tagging em 2004, eu disse: 'folksonomy is tagging that works'. Esta ainda é uma forte crença dos três princípios de uma folksonomia: 1) tag; 2) objeto sendo marcado; e 3) identidade, são fundamentais para a desambiguação de termos de tag e fornecem uma compreensão rica do objeto que está sendo marcado (WAL, 2007, não paginado, tradução nossa).

O ponto chave de sua afirmação está intrinsicamente contido na expressão "*folksonomy is tagging that works*" que em uma tradução livre significaria "folksonomia é a marcação que funciona". E por que ela funciona? Devido ao fato de munir o seu indexador de total liberdade para trabalhar com ela da forma que lhe achar mais conveniente e propícia que este possa alcançar o seu objetivo com essa indexação. Possibilita, assim, um tráfego mais fluído de troca de informação com o ambiente informacional e social em que o autor está contido, não se tornando refém de normas e padrões de classificação que de certa forma podem vir a afastar esse indexador por conta da pouca afinidade do mesmo para com essas diretrizes de padronização.

3 FOLKSONOMIA: a indexação virtual

De modo geral, a indexação é definida como um conjunto de procedimentos com objetivo de expressar/representar o conteúdo temático de documentos por meio de linguagens de indexação ou documentárias visando à recuperação posterior (LANCASTER, 2004; LANGRIDGE, 2006; ROBREDO; CUNHA, 1986 *apud* GUEDES; DIAS, 2010). A afirmação dos autores acerca da indexação é pertinente uma vez que estabelece de forma muito simples o fazer da indexação em si como prática de classificação documentária. E dito isso, reafirmar como a indexação se relaciona de forma muito explícita com a folksonomia, uma vez que em ambas há o processo de representação de um conteúdo por meio de marcações a fim de garantir a sua recuperação. Encontra-se a diferença entre os termos em meio às regras e padrões que cada um apresenta, pois enquanto a indexação é realizada por

meio de um vocabulário controlado a folksonomia não advém de nenhuma padronização específica, mas sim do vocabulário do próprio autor/usuário.

Guedes e Dias (2010, p. 48) ainda vão mais fundo na relação entre a indexação e a web ao afirmarem que:

A ação mais explícita na folksonomia enquanto processo é a indexação, mais conhecida nos ambientes digitais por *tagging*, ou seja, a ação de etiquetar. Antes mesmo da popularização desta modalidade de representação da informação na Web autores que trabalham com formas de indexação alternativas já estudavam o assunto.

Ao analisar essa afirmativa é possível caminhar cada vez mais em direção a como o fato configura o processo em si da folksonomia como uma indexação virtual, ao passo de que os termos e os descritores da indexação são reformulados para *tags* e *hashtags* para atender de fato a demanda emergente dos novos usuários da informação.

É através desse grande panorama que é possível reiterar as considerações iniciais a respeito do processo de “indexação social”. Ao colocar o termo em análise é possível identificar como ele e a folksonomia estão estreitamente ligados, uma vez que a prática “folksonômica” nada mais é do que uma indexação social. Hassan-Montero (2006, não paginado, tradução nossa) reforça essa ideia ao definir a indexação social como:

Um novo modelo de indexação, em que são os próprios usuários ou consumidores dos recursos os que levam ao cabo sua descrição. A descrição de cada recurso se obteria por agregação, ou seja, um mesmo recurso seria indexado por inúmeros usuários, dando como resultado uma descrição intersubjetiva e, portanto, mas fiel que a realizada pelo autor do recurso.

Nessa afirmação o autor ainda ressalta como os usuários indexam o mesmo recurso mediante a similaridade de interesse dos usuários para com ele (HASSAN-MONTERO, 2006). Em grande parte, o ambiente da folksonomia e indexação social é identificado por esse ponto, uma vez que a gama de usuários que geram *tags* e marcadores estão sempre presentes nos meios que lhes permitem essa possibilidade, como o *Flicker*, *Instagram*, *Pinterest* etc. São redes sociais de alcance mundial que agregam todos os usuários que em sua essência se relacionam por meio de *tags*, marcações e indexações de conteúdos, assuntos e discussões.

4 A RELAÇÃO USUÁRIO E A FOLKSONOMIA

O processo em si da “tagzação” virtual é muito mais aceito pelos usuários da web, uma vez que ela lhes permite muito mais liberdade de indexar e catalogar

como lhes for mais conveniente. Essa questão é ressaltada por Guedes, Moura e Dias (2012, p. 7) ao afirmarem que:

A folksonomia, enquanto abordagem, demonstra um alto grau de aceitabilidade e em ambientes virtuais e dinâmicos, como a WWW devido à diminuição de custos e tempo para o usuário. Isto acontece pelo fato de não existirem hierarquias complexas ou alheias aos modos de o usuário lidar com a informação.

Os autores são bem claros ao ressaltarem que o ambiente da folksonomia é muito propício ao uso do usuário corriqueiro, que se utiliza dos meios de informação para comunicação e interação social com seus pares.

Santos (2013) enfatiza a problemática acerca da motivação do usuário para com o processo de marcação e da indexação na web e o que de fato o está trazendo para participar e atuar nesse novo meio de compartilhamento da informação. É interessante o destaque para essa questão, pois só foi possível a participação desse usuário nesse meio, que agora se vê motivado e como ser participante, por conta da sua identificação com o processo em si como Guedes, Moura e Dias (2012) afirmaram.

Ainda a respeito da problemática aberta por Santos (2013), salienta-se sobre o tipo de usuário e como esse perfil dirige o seu comportamento e a sua participação no processo de indexação virtual, podendo ser positivo ou negativo dependendo da postura em que esse usuário vai tomar para com sua marcação. Reitera-se a respeito das decisões do usuário quando Marlow *et al.* (2006) diz que os incentivos e as motivações dos usuários afetam diretamente as *tags* que surgem nos sistemas de marcação social, pois os usuários são motivados tanto por necessidades pessoais quanto por interesses sociais. As motivações de alguns usuários se originam na necessidade de organizar seus próprios dados, e esses possam garantir benefícios particulares em meio à organização informacional, assim como há também os usuários que procuram contribuir para um processo coletivo.

5 FOLKSONOMIA NAS REDES SOCIAIS: análise e apontamentos

As redes sociais com toda a certeza foram as grandes propulsionadoras do compartilhamento de informações na era virtual em que a sociedade se encontra atualmente. Mas em que aspecto, elas se relacionam de fato com a folksonomia? Este será o ponto que será debatido nesta seção, a fim de elencar definitivamente

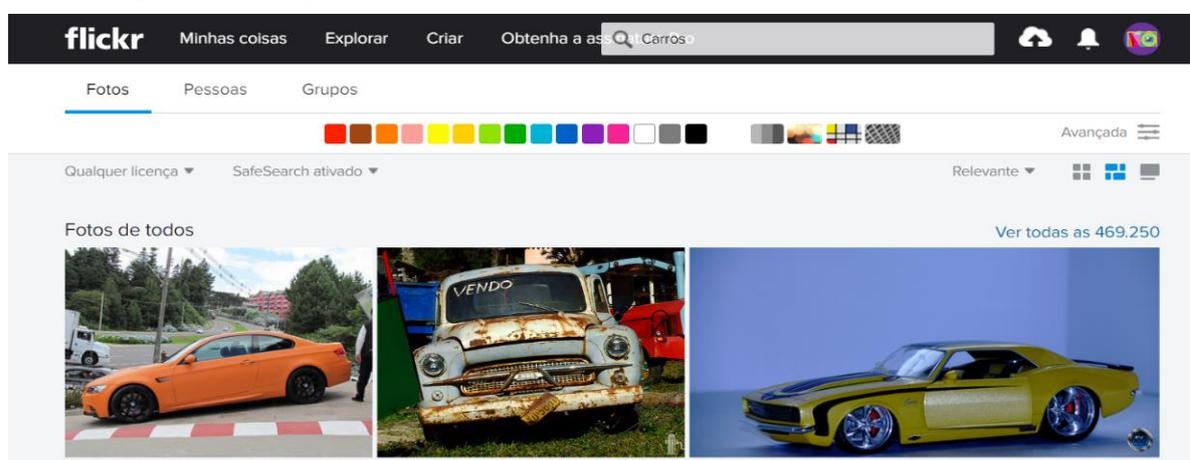
como uma propiciou a outra, o que é conhecido hoje como rede global de compartilhamento de informações.

Wasserman e Faust (1994) e Degenne e Forse (1999 *apud* RECUERO, 2006, p. 26) questionam a respeito da definição do que é a rede social em si e como ela pode se configurar na sociedade. Tal questionamento é importante sob a ótica deste trabalho, pois a afirmação da autora esclarece noções importantes relacionadas à parte mais fundamental para a existência das folksonomias, as redes sociais, entendidas como “[...] um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).” (WASSERMAN E FAUST, 1994; CARRINGTON, SCOTT E WASSERMAN, 2005; DEGENNE E FORSE, 1999 *apud* RECUERO, 2006, p. 26).

Sobre a visão da autora é fácil de identificar como a presença dos grupos sociais, que em outras palavras seriam os usuários, estabelecem relações no ambiente Web, que nas palavras da autora seriam as “conexões” que esses criam nos ambientes virtuais (RECUERO, 2006). Relações essas que em ambientes propícios para tal, como as redes sociais, criam uma verdadeira comunidade de usuários que compartilham e consomem informação.

Expõe-se como a rede social *Flickr* agrega as tags, que segundo Wal (2007) foi um dos primeiros sites a realizar marcações em sua estrutura que contemplam a folksonomia. A apresentação da rede social tem por intuito exemplificar como a folksonomia se faz presente em sua estrutura e como os usuários se utilizam disso para seu fazer diário em busca da disseminação e recuperação da informação, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Página inicial do Flickr - buscando o termo “carros”

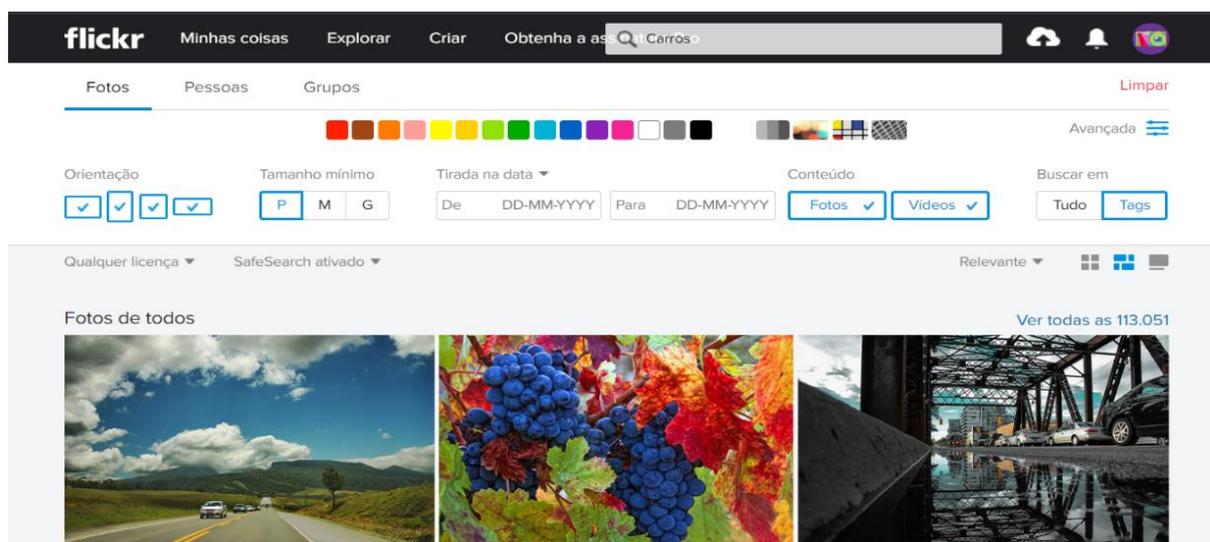


Fonte: Flickr (2020)

A página inicial da rede social é bem intuitiva, ao deixar em destaque o buscador para os termos. Neste caso, foi optado em pesquisar pelo termo “carros”. Foram recuperados 469.250 resultados de imagens para o termo pesquisado. O que com toda a certeza é um valor bem abrangente e que pode não contemplar o interesse de um usuário com uma busca mais refinada.

Em seguida foi selecionado o recurso pesquisa avançada que apresenta outras possibilidades de refinação de conteúdo: pelo tamanho da imagem, orientação, data, conteúdo e o principal alvo deste trabalho as “tags”. Assim que selecionadas a quantidade de recuperações diminui drasticamente de 469.250 para 113.051 resultados. O que demonstra como a seleção da função *tag* refina instantaneamente o conteúdo específico do total (Figura 2).

Figura 2 – Página inicial do Flickr – selecionando o recurso “tags”



Fonte: Flickr (2020)

Em seguida foi selecionada a primeira imagem à esquerda da Figura 2. O clique redirecionou aos dados da foto e de quem a tirou e compartilhou no Flickr. Nos dados da imagem foi procurado até surgir a função de *tags* e marcadores que dispostos à direita na Figura 3. A autora da foto utilizou-se de, precisamente, 27 *tags* para representar a sua postagem, todas fazendo diretamente referência à totalidade de elementos presentes na imagem.

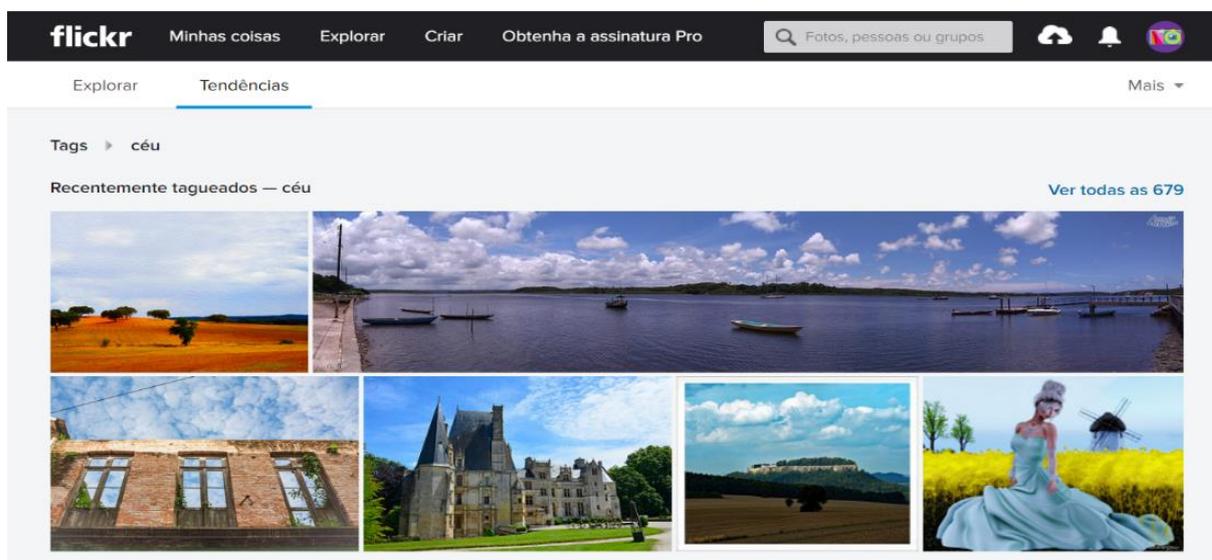
Figura 3 – Selecionando uma imagem



Fonte: Flickr (2020)

Por fim selecionou-se a tag “céu” da lista de marcadores presentes na imagem 3. Instantaneamente o Flickr redirecionou para todas as demais imagens que havia “céu” como marcador e mais abaixo na página da Figura 4, ele também apresentou grupos próprios de imagens relacionadas ao céu dentro do Flickr. Como é possível verificar a plataforma recuperou exatamente 678 imagens com o marcador “céu”. A quantidade total de resultados recuperados em comparação com a quantidade inicial de 469.250 é exorbitante, uma vez que demonstra como o recurso de tags tende a diminuir o total de resultados a fim de garantir o seu refinamento.

Figura 4 - Selecionando uma tag



Fonte: Flickr (2020)

E interessante analisar como o recurso de *tags* e marcações no *Flickr* se assemelha ao processo de indexação ao apresentar o refinamento de informações em detrimento de uma busca, o que na indexação seria o termo mais específico ou o termo mais geral. E não só o recurso se mostra eficaz como garante também o acesso aos usuários que buscam sobre tais assuntos. Tal afirmativa pode ser confirmada ao verificar na Figura 3, à direita, os comentários dos usuários elogiando e comentando sobre a imagem em si. Eles provavelmente só puderam recuperá-la em meio ao banco de imagens do *Flickr* ao utilizar as *tags* “céu”, “carro” ou ambas, fato que referenda a análise de recuperação final bem-sucedida de um conteúdo em uma unidade de informação.

Em perspectiva, a rede social em questão cumpre o que promete ao permitir que os usuários tenham autonomia ao indexarem suas publicações da forma que mais lhes convém, mas claro, através das suas interfaces e funções, o que no fim das contas demarca a sua originalidade como marca. Situação essa que permite que o conteúdo por eles compartilhado seja recuperado e acessado pelos demais usuários da rede social. Afinal, graças à liberdade que cada “indexador” virtual tem de gerar suas próprias *tags* ao juntar termos, criar termos, prover códigos e linguagens próprias do seu meio social a interação se faz de forma efetiva e certa ao criar uma rede de compartilhamento de informações coletiva entre os usuários que a acessam, fatores que destacam nitidamente as características principais da folksonomia nos ambientes digitais da informação.

6 MALEFÍCIOS DA FOLKSONOMIA

Ao longo deste trabalho foi pautado em que instâncias a folksonomia está empregada na sociedade contemporânea, os seus benefícios e a importância do surgimento da mesma para com a ciência da informação como um todo. No entanto, o recurso ainda não é totalmente aceito dentro da comunidade científica em virtude das falhas que o mesmo apresenta nas visões dos autores, dentre os quais serão citados alguns para elencar seus pontos de vista a respeito dessas afirmações, pontuando até onde são válidas ou não.

Alguns autores como Guedes, Moura e Dias (2011) e Vignoli, Almeida e Catarino (2014), ainda possuem dúvidas sobre a folksonomia como uma forma de indexação virtual, uma vez que acreditam não possuir elementos próprios de uma indexação, devido à presença da subjetividade e individualidade a mesma não se

enquadra como um meio efetivo de disseminação da informação. Guedes, Moura e Dias (2011, p. 53) comentam que “As *tags* de uma folksonomia revelam as marcas da subjetividade. Apesar de a etiquetagem acontecer em um ambiente coletivo, a atribuição de significado a uma *tag* é historicamente individual e única.”. Com essa afirmação é possível depreender que ao autores querem dizer que pela folksonomia ser, em primeira instância, uma iniciativa individual pautada nos interesses pessoais do usuário para com a indexação, a mesma só poderia ser recuperada pelo usuário em questão, uma vez que nem sempre este usuário teria comprometimento em escolher suas *tags* para que elas pudessem ser recuperadas por todos.

Vignoli, Almeida e Catarino (2014, p. 124) apontam que:

Na Terminologia, área dedicada ao estudo dos termos, deve haver a contextualização dos conceitos, já que esses precisam representar significados, definições, e não são, portanto, definidos ao acaso. Nas folksonomias, os termos ou as palavras-chave empregados podem ser apenas produtos da língua falada, com significados que só caberão para o seu criador, ou seja, palavras que nada significam ou que nada recuperam no coletivo e principalmente no quesito científico.

Os autores entram no mérito de que a folksonomia também não se enquadra na área das terminologias, pois as *tags*, os termos utilizados pelos usuários são produtos do saber dos mesmos que os indexaram, logo só tem significado para eles. Ou seja, quando se trata da visualização os termos no coletivo, estes não poderiam ser recuperados, uma vez que o usuário leigo, quanto às terminologias empregadas, não saberia como decifrá-las ou traduzi-las. Criando um comparativo, as afirmações de Vignoli, Almeida e Catarino (2014) entram em concordância com o ponto de vista de Guedes, Moura e Dias (2011).

Ainda sobre a ausência de sentido dos termos empregados pode-se citar a afirmação de Santos (2017, p. 19) ao ressaltar:

Por outro lado, é consenso entre os investigadores da temática que as desvantagens dessa prática são a polissemia terminológica (em virtude do uso da linguagem natural), que acarreta o descontrole do vocabulário e a alta taxa de revocação associada à baixa taxa de precisão no momento de busca.

A autora questiona acerca da polissemia terminológica das folksonomias, uma vez que pela ausência de um vocabulário controlado o usuário indexa pensando em sua própria compreensão. O que de fato poderá causar posteriormente problemas de ruídos ou uma ampla taxa de revocação como a própria autora afirma no processo de recuperação da informação por outros usuários.

Reiterando-se ainda sobre a questão da ambiguidade de sentidos que a folksonomia acaba gerando, González (2011 *apud* VIGNOLI; ALMEIDA; CATARINO, 2014, p. 131) afirma que “[...] existe a falta de controle de sinônimos e de palavras no singular ou plural; que a ambiguidade é alta; que não existe qualquer tipo de normas ou padrões para indexar os termos, além da carência de hierarquia.”. Há uma concordância entre os autores e Santos (2013) a respeito da falta de controle das *tag* empregadas pela folksonomia em virtude da livre indexação dos usuários.

Catarino e Baptista (2007) salientam que por pouco haver regras da indexação de fato, como a ausência da padronização do uso de antônimos, homônimos, plural, singular, simples e composto nos termos da folksonomia acaba gerando futuramente um grande amontoado de informação que não poderão ser recuperadas em virtude da “má indexação”. Esta que se utilizada de tesouros, cabeçalhos de assuntos e de regras gerais para a aplicação dos termos poderia não ocorrer. Entretanto, os autores deixam claro que isso não é uma previsão exata. Que assim como esse quadro poderá se desenrolar no futuro, ele também pode não acontecer e a folksonomia cumprirá sua função sem grandes problemas, ressaltando ainda que é necessário mais estudo a respeito do assunto para ponderar definitivamente sobre.

Expõe-se o comparativo de vantagens e desvantagens criado a partir da literatura pesquisada para compor esta pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 – Vantagens e desvantagens da folksonomia

Vantagens	Desvantagens
Ambiente colaborativo.	Ambiguidade.
Formação de comunidades.	Baixa precisão.
Identificação dos usuários.	Ausência do controle de sinônimo, homônimos, singular, plural, simples e composto.
Rápida recuperação.	Polissemia.
Inexistência de padrões de vocabulário.	Diferenças linguísticas.
Liberdade de utilização.	Erros de ortografia.
Fácil utilização.	Informação centralizada por grupos específicos.

Fonte: Autores

Como é possível perceber em uma última análise grande parte dos benefícios da folksonomia dá-se pela liberdade de uso e pela facilidade de acesso do mesmo, fatores esses que atraem o usuário e o tornam rapidamente como parte integrante do processo. Enquanto que os lados negativos se ressaltam justamente por essa

liberdade de uso, que acaba gerando um grande número de informações que só podem ser recuperados por um pequeno grupo, uma vez que estes se utilizam de vocabulário próprio.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A folksonomia ainda é um fazer informacional novo se comparada a tantas outras práticas presentes no dia a dia do profissional da informação. Ela engatinha em passos rápidos a disseminação e o compartilhamento da informação nos ambientes digitais pelo seu usuário. Este que se torna cada vez mais parte integrante ativa e menos observador passivo do processo de formulação da informação nos ambientes sociais. Dito isso, é importante salientar que a discussão acerca do papel da folksonomia na nova “era digital” alcançou dados satisfatórios, à medida que foi exposto como a prática se inseriu espontaneamente na prática diária do usuário por intermédio das redes sócias que ele mesmo utiliza diariamente em busca da sua própria individualidade e representação na sociedade contemporânea.

O posicionamento dos autores citados, especialmente Hassan-Montero (2006), Recuero (2006), Wal (2007), Guedes e Dias (2010), Santos (2013) e Vignoli, Almeida e Catarino (2014), foi fundamental, pois permite que seja feito um grande panorama a respeito de onde a prática está presente e qual a sua importância no meio digital e virtual. Assim como as falhas como disseminadora da informação que esta ainda visivelmente apresenta por conta do contexto em que está empregada.

Logo, é importante salientar que os estudos e as discussões a respeito da folksonomia devem continuar para que o diálogo e as ponderações corretas sejam estabelecidas, a fim de que o fazer da folksonomia seja empregado definitivamente na web e no cotidiano do usuário. Tais ações possibilitam, ainda, que ela seja auxiliar dos profissionais da área na busca e recuperação da informação para o usuário e a sociedade que a demanda.

Desta forma, compreende-se que a folksonomia se tornou um recurso de grande importância no ambiente digital, pois foi observado que auxilia os usuários no processo de recuperação e disseminação da informação de uma forma informal, graças à inexistência de padrões no vocabulário e termos controlados, permitindo que o usuário não se afaste de determinados campos e que não se sintam confinados, mas independentes neste ambiente. Porém, a ausência de controle no vocabulário gera ambiguidades e polissemias dificultando assim, o processo de

recuperação da informação na internet. Em suma, ainda há muito a se estudar e aprimorar sobre o campo da folksonomia, pois só assim as desvantagens poderão virar vantagens e a prática será definitivamente aceita no meio científico.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, L.F.B. Web 2.0, biblioteca 2.0 e ciência da informação: um protótipo para disseminação seletiva de informação na Web utilizando mashups e feeds RSS. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8., 2007, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Ancib, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--232.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.
- CATARINO, M.; BAPTISTA, A. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na web. **Data Grama Zero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2007. Disponível: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7548>. Acesso em: 26 set. 2018.
- FLICKR. Disponível em: <https://www.flickr.com/search/?text=Carros>. Acesso em: 22 set. 2018.
- GUEDES, R. M.; DIAS, E. J. W. Indexação social: abordagem conceitual. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 15, n. 1, p. 3953, jan./jun. 2010. Disponível em: https://revista.acb.org.br/racb/article/view/686/pdf_17. Acesso em: 22 set. 2018.
- GUEDES, R. M.; MOURA, M. A.; DIAS, E. J. W. Indexação social e pensamento dialógico: reflexões teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 4059, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10477>. Acesso em: 26 set. 2018.
- GUEDES, R. M.; MOURA, M. A.; DIAS, E. J. W. A abordagem dialógica na indexação social. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Ancib, 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/18608>. Acesso em: 22 set. 2018.
- HASSAN-MONTERO, Y. Indización social y recuperación de información. **No Solo Usabilidad Journal**, Granada, n. 5, nov. 2006. Disponível em: http://www.nosolousabilidad.com/articulos/indizacion_social.htm. Acesso em: 22 set. 2018.
- MARLOW, C. *et al.* **Position paper, tagging, taxonomy, flickr, article, toread**. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/WWW2006.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.
- RECUERO, R. da C. **Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teseraquelrecuero.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

SANTOS, H. P. Etiquetagem e folksonomia: o usuário e sua motivação para organizar e compartilhar informação na web 2.0. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.18, n.2, p.91-104, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n2/07.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

SANTOS, T. H. do N. **A taxonomia e a folksonomia na recuperação da informação**: um estudo no acervo de imagens da Fundação Marques da Silva (FIMS). 2017. 396 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/105840/2/202344.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

VIGNOLI, R. G.; ALMEIDA, P. O. P. de; CATARINO, M. E. Folksonomias como ferramenta da organização e representação da informação. **Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, São Paulo, v.12, n.2, p.120-135, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1606>. Acesso em: 25 set. 2018.

WAL, T. W. **Folksonomy**. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <http://www.vanderwal.net/folksonomy.html>. Acesso em: 22 set. 2018.